

ADOLESCÊNCIAS, GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE¹

Pérola Lozano T. de Carvalho

Mestranda do Curso de Educação na Unicamp, perola.lozano@gmail.com

Ana Archangelo

Orientadora: Professora Doutora do Curso de Educação na Unicamp, ana.archangelo@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa tem a intenção de investigar as concepções dos adolescentes (entre 14 a 17 anos) a respeito dos aspectos de gênero e sexualidade vivenciados na escola, tendo a psicanálise como aporte teórico-metodológico. Considera-se as aproximações possíveis entre o campo da Educação e a Psicanálise, a partir do questionamento de qual modelo de escola defendemos e da percepção de uma escola acolhedora e aberta para as diferenças como fundamental para promover a cidadania e a formação crítica. A importância deste estudo se justifica pela necessidade de pensar as abordagens com jovens no campo da sexualidade e gênero, que podem acolher ou limitar as formas de aprendizagem, as experiências de vida e o processo de construção de desejos e expressões. Trata-se de uma investigação qualitativa e a metodologia consiste na realização de entrevistas individuais com os adolescentes. A partir do relato destes, será feita uma interlocução com a bibliografia no campo da Psicanálise, sexualidade e gênero. Considerando a relevância da Psicanálise em contribuir com os estudos que trabalhem com

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

a tensão entre o corpo biológico e corpo simbólico, espera-se assim avançar nas reflexões no tema e as possíveis associações que se dão na área de Educação.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade, Adolescência, Educação, Psicanálise

Introdução

Este texto considera as aproximações possíveis entre o campo da Educação e a Psicanálise, parte do questionamento de qual modelo de escola defendemos e da percepção de uma escola acolhedora e aberta para as diferenças como fundamental para promover a cidadania e a formação crítica.

Ao se relacionar com as diferenças, com a alteridade, o conflito é algo inerente, sendo fundamental este ser reconhecido e nomeado. A Psicanálise tem importante contribuição para compreensão da ‘diferença’ como consequência da ‘singularidade’ – dos encontros de singulares.

É necessário refletir sobre as (im)possibilidades que a cultura coloca para o desenvolvimento das singularidades, pois cada pessoa tem uma pluralidade de marcadores sociais (gênero, orientação sexual, raça, geração, classe social etc) que influenciam a realidade para cada um e também podem se relacionar com uma perspectiva psíquica.

Este trabalho propõe fazer um recorte em relação as diferenças relacionadas a sexualidade e gênero, considerando também a intersecção dos distintos marcadores sociais que se atravessam. Assim, esta pesquisa tem a intenção de investigar as concepções dos adolescentes a respeito dos aspectos de gênero e sexualidade vivenciados na escola. A partir dos relatos colhidos, será feita uma interlocução com a bibliografia no campo da Psicanálise, sexualidade e gênero.

O presente estudo se justifica pela necessidade da sociedade refletir e se questionar sobre as diferentes abordagens dos jovens no campo da sexualidade e gênero, que podem acolher ou limitar suas formas de aprendizagem, suas experiências de vida e seu o processo de construção de desejos e expressões.

Certas expectativas na sociedade estão associadas a ideias e estereótipos de gênero, ou seja, as características e comportamentos que são esperados de meninos e meninas e das relações que estabelecem entre si, são exigências de padrões que se mostram nas instituições, nas normas, nos discursos e nas práticas que circulam na sociedade.

A escolha pelo diálogo da Psicanálise com a Educação se justifica por: (1) importância do papel das instituições escolares no desenvolvimento psíquico e emocional dos alunos; (2) pela grande relevância do

conhecimento psicanalítico para pensar as singularidades em relação a sexualidade e gênero e; (3) pela necessidade de ampliação dos estudos da área de Educação com associações da Psicanálise.

Diferenças e diversidades na escola

Em relação às diversas maneiras das instituições escolares acolherem, ou não, as particularidades cada criança ou adolescente, as escolas tendem a funcionar de diferentes formas. Archangelo (2012) denomina como: escola negligente; escola homogeneizadora; escola ingênua e escola acolhedora. É importante ressaltar que elas não se encontram rigidamente em um perfil, mas oscilam entre cada, com uma tendência a funcionar predominantemente segundo a dinâmica de uma das descrições (ARCHANGELO, 2012).

Archangelo (2012, p. 306) define a escola negligente: “é aquela que se isenta da responsabilidade sobre os alunos. Diferença, igualdade, inclusão, desigualdade são temáticas e/ou aspectos da realidade que ela desconsidera”. Já a escola homogeneizadora mistura a intenção de uma educação para todos com a pretensão de ser igual para todos, ou seja, considera pouco as necessidades e singularidades dos alunos e os concebe de uma forma abstrata de acordo com uma média (ARCHANGELO, 2012).

Uma outra forma de enfrentar a questão da diferença está na escola ingênua que também tende a silenciar e não dar espaço para as diferenças. É aquela que “acredita que um determinado modelo ou discurso construído externamente pode dar conta da totalidade das experiências dos alunos” (ARCHANGELO, 2012, p. 308). Ou seja, não entra em contato com o outro e fica protegida por modelos explicativos hegemônicos (ARCHANGELO, 2012).

Por fim, a escola acolhedora é a que mais se aproxima de abordar a diferença como “ponto de inflexão que inaugura o conflito e com ele coincide” (ARCHANGELO, 2012, p. 312), mobilizando a atividade de pensar, a criatividade na busca de respostas e a atitude de aprender com a experiência (ARCHANGELO, 2012).

Para a autora, a igualdade se dá na experiência de ligação com o outro, ou seja, na vivência da diferença, por meio da identificação profunda entre a mente de um sujeito e a de outro. A diferença está assim na origem e em toda possibilidade de relação (ARCHANGELO,

2012), mobilizando a atividade de pensar, a criatividade na busca de respostas e a atitude de aprender com a experiência.

A autora afirma que alguns sentimentos no aluno são presumíveis a partir da constituição da escola significativa, considerando que podem variar no tempo e não são uniformes, sendo: o sentimento de acolhimento, ao ter a certeza íntima de estar sobre os cuidados da escola e possibilitar um espaço mental nos estudantes para viverem de forma mais ampla; o sentimento de reconhecimento relacionado a capacidade de identificação com o outro e suas necessidades e o sentimento de pertencimento, o qual aprofunda a percepção do aluno de que grande parte das suas oportunidades estão naquele ambiente (ARCHANGELO, A., 2014).

A escola significativa é assim um ambiente em que os adolescentes têm a possibilidade de se sentir aceitos e acolhidos como são. É necessário a defesa de uma análise crítica e criativa na construção de relações que integrem e valorizem todas as diferenças e as diversidades, tendo a escola um papel central com este compromisso.

Torna-se um desafio fundamental o papel da escola na construção das subjetividades dos adolescentes. Eles podem encontrar um espaço na escola que contribua para a expansão e o crescimento de forma mais autêntica, favorecendo uma relação com as alteridades ou ao contrário, podem encontrar um ambiente limitador, homogeneizante que prescreve como cada um deve aprender, se expressar e ser.

Ressalta-se que o trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa.

Metodologia

A metodologia consiste na realização de entrevistas semi-estruturadas com os adolescentes, e busca contemplar os aspectos individuais e sociais da apreensão do adolescente acerca da participação do contexto escolar em suas vivências relacionadas a sexualidade e gênero.

A escuta da pesquisadora neste trabalho considera o sujeito inconsciente no qual se supõe saber de si e revela-se pelo não dito, nos atos falhos, no que escapa. Ressalta-se a postura da pesquisadora diante dos entrevistados, ao estar atenta aos aspectos transferenciais e ao considerar que as próprias reações da pesquisadora podem influenciar o material a ser pesquisado (ARCHANGELO, 2008).

É de fundamental importância a pesquisadora estar disponível e inteira emocionalmente no momento das entrevistas para que uma comunicação significativa aconteça. Considera-se a interpretação da transferência estabelecida no processo de entrevista, o que possibilita um vínculo diferenciado entre pesquisadora e pesquisado, com a melhor delimitação do objeto de pesquisa, um refinamento da escuta e maior compreensão da dinâmica social a ser investigada (ARCHANGELO, 2008).

A autora (ARCHANGELO, 2008) aponta que a transferência a ser interpretada nas entrevistas é estritamente aquela relacionada à parcela emocional que se associa diretamente ao objeto de pesquisa, tendo em vista que ao propor um problema de pesquisa ao entrevistado, seu inconsciente se manifesta em estreita relação com a proposta feita.

A metodologia desta pesquisa faz referência a alguns dos princípios de Clarke (2001 apud ARCHANGELO, 2008), como:

- o mínimo de intervenção da pesquisadora;
- o sujeito da pesquisa ser capaz de fazer uso da ‘livre-associação’, considerando que o uso da associação permite que ideias inconscientes e motivações aflorem, ao invés de seguir um roteiro lógico de entrevista.

Referencial teórico

Adolescência

Nasio (2011) pensa a adolescência como uma das fases mais fecundas da existência humana, sendo a época em que se compreende “o quanto precisamos dos outros para sermos nós” (NASIO, 2011, p. 16).

O autor afirma (NASIO, p. 16):

O adolescente conquista o espaço intelectual com a descoberta de novos interesses culturais; conquista o espaço afetivo com a descoberta de novas formas de viver emoções que já conhecia, mas que nunca sentira dessa maneira – o amor, o sonho, o ciúme, a admiração, o sentimento do dever, a solidão, a sensação de ser rejeitado por seus semelhantes ou, ainda, a raiva. E, finalmente, conquista o espaço social ao descobrir, fora do círculo familiar e da escola, o universo dos outros seres humanos em toda a sua diversidade.

Nasio (2011) reflete que “a adolescência é uma passagem obrigatória, a passagem delicada, atormentada mas igualmente criativa, que vai do fim da infância ao limiar da maturidade” (p. 13).

O adolescente é, em primeiro lugar, um doente do supereu. O supereu do adolescente é seu inimigo interior, que o assombra com autocríticas e o sabota (NASIO, 2011). Nasio (2011, p. 84) explica: “O supereu somos nós, é cada um de nós quando falamos mal de nós mesmos, sou eu mesmo quando me critico severamente”.

Pais e mãe contribuem com um melhor desenvolvimento dos seus filhos ao humanizarem as ferozes formações do superego associadas aos impulsos e fantasias infantis (WINNICOTT, 1983). É possível relacionar aqui o humanizar com a importância em dar como exemplo para criança, a partir do que cada um é, não um melhor do que gostaria que fosse, conforme nos ensina Winnicott (1983).

A adolescência é caracterizada como uma busca de descoberta pessoal que precisa ser vivida, mais do que entendida ou curada, pois os adolescentes não querem ser entendidos. A única cura real para a adolescência é o amadurecimento (WINNICOTT, 1987, p. 151).

O psicanalista inglês critica a busca por uma cura, ao considerar a adolescência essencialmente sadia e mais especificamente ao defender a imaturidade como uma parte ‘preciosa’ deste momento e que “a sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis” (WINNICOTT, 1971, p. 198).

Psicanálises, Gêneros e Sexualidades

Tendo localizado brevemente o conceito de adolescência desta pesquisa, avançamos na busca da compreensão dos aspectos de gênero e sexualidade nesta etapa da vida, com contribuições da Psicanálise. Observamos uma mudança e evolução dos conceitos freudianos neste tema no decorrer da sua obra. A frase “a anatomia é um destino” (FREUD, 1924, p. 197) para variar um dito de Napoleão, demonstra ter sido abandonada pelo próprio Freud posteriormente e não responde as questões atuais, como da transitoriedade entre os sexos.

Destaca-se a atualidade do pensamento freudiano nos pressupostos de que a excitação sexual não está só nas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo (Freud, 1905). O pulsional para Freud é uma “libido única, possui objetivos, ou seja, modalidades de satisfação tanto ativos quanto passivos” (FREUD, 1931, p.248).

Uma leitura possível de Freud (1905) em relação a bissexualidade é a existência de um período que não haveria sexo (nem masculino e feminino de forma única). Assim, tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade se mostram como destinos pulsionais ligados a resoluções edípicas. O fundador da Psicanálise discorre sobre uma predisposição bissexual e aborda que a alternativa inato e aprendido é incompleta para explicar o que chama de inversão, a homossexualidade.

Freud (1933, p. 116) trata como um “erro de suposição” a ligação necessariamente ativa com o masculino e passiva com o feminino, sendo a mãe ativa para com o filho em todos os sentidos, como na amamentação. Pode-se considerar como característica psicológica da feminilidade dar preferência para fins passivos, o que não é o mesmo que passividade pois pode ser necessário uma grande quantidade de atividade para chegar a um fim passivo (FREUD, 1933). O autor afirma que “o que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1933, p.115).

Torna-se necessário discutir a compreensão da condição que o gênero ocupa na psicanálise, uma vez que a própria categoria conceitual de gênero é posterior a Freud. Gênero, no latim, “genus”, envolve definições gerais como: tipo, espécie, nascimento, característica, categoria. Um aspecto introdutório é situar o termo gênero como um grande ‘guarda-chuva’ que engloba perspectivas psicológicas, sociais, históricas e culturais, associados à feminilidade e à masculinidade.

Se por um lado, há abordagens essencialistas e biológicas que reduzem à sexualidade a uma suposta natureza; por outro, há as abordagens dos chamados estudos de gênero, as quais têm ênfase em uma construção social. A Psicanálise, ao abordar as noções de gênero e sexualidade, aponta para uma terceira vertente.

Porchat (2014) analisa que as teorias essencialistas sustentam que as diferenças de gênero são concebidas como naturais, já as teorias de construção social fizeram um grande debate em torno da distinção entre “sexo” e gênero”.

A diferenciação entre gênero e sexo tornou-se uma ferramenta analítica e política para questionar um determinismo biológico e enfatizar o caráter destes conceitos fundamentalmente sociais. O gênero passa a ser compreendido como constituinte da identidade dos sujeitos, algo que transcende o mero desempenho de papéis, faz parte do

sujeito e o constitui. É importante ressaltar que esta distinção ocorreu a partir dos estudos feministas (LOURO, 2014).

Para a Psicanálise, o termo gênero foi introduzido pela primeira vez pelo psiquiatra e psicanalista americano Robert Stoller em 1964, a partir da clínica de pacientes intersexo (que tem características biológicas de ambos os sexos) e transgêneros. Stoller definiu gênero em uma espécie de independência radical do sexo. Sexo para Stoller seria um efeito da biologia, do soma, que determinaria o que faz um indivíduo ser macho ou fêmea. Gênero por sua vez, seria um efeito das construções culturais, portanto, considerado como efeito da linguagem e atravessado por aquilo que a cultura define como masculino e feminino (STOLLER, 1984).

Stoller (1993, p. 28) define masculinidade e feminilidade como uma “convicção” ao afirmar:

Além do fundamento biológico, a pessoa obtém estas convicções a partir das atitudes dos pais, especialmente na infância, sendo estas atitudes mais ou menos semelhantes às aquelas mantidas pela sociedade como um todo, filtradas pelas personalidades idiossincráticas dos pais. Portanto, tais convicções não são verdades eternas: elas se modificam quando as sociedades se modificam (STOLLER, 1993, p. 28).

Assim, a concepção de Stoller (1993) sobre a identidade de gênero inclui um sentimento psíquico de ser homem ou ser mulher. Stoller (1993) propõe ainda um núcleo da identidade de gênero corresponde a esse sentimento de ser menino ou ser menina. A concepção de núcleo de identidade de gênero será amplamente criticada por Butler (2010).

Foi com a filósofa feminista norte-americana Judith Butler (2010) que se tornou possível um aprofundamento dos estudos que rompem com as abordagens tradicionais dos gêneros masculino e feminino. A autora passa a ser uma das principais interlocutoras da psicanálise para as questões de gênero.

A diferenciação entre sexo e gênero teve sua importância histórica e está presente até atualmente, porém estas noções foram subvertidas pelos estudos de gênero com Judith Butler (2010). A autora recusa a diferenciação entre sexo e gênero, entre natureza e cultura, aponta para uma análise dos efeitos de uma prática de poder que regula as identidades sexuais e busca eliminar a dicotomia entre masculino e feminino.

Porchat (2014, p. 29) analisa: “ A compreensão de que o sexo como categoria unitária algo estabelecido através das práticas discursivas ocidentais implica que não se pode afirmar que o conceito ocidental de sexo seja subjacente às construções de gênero em todo o mundo”.

Assim, Butler (2010) critica que tanto as teorias essencialistas, como as teorias construtivistas, buscam estabelecer linhas causais de ligação, seja entre o sexo biológico, seja entre o gênero construído culturalmente, em relação a expressão de ambos através do desejo e da prática sexual (PORCHAT, 2014, p. 29). Desta forma, em um complexo percurso, Butler (2010) propõe com originalidade uma nova perspectiva para os estudos de gênero e aborda os gêneros não inteligíveis / não coerentes.

Para concluir, Porchat (2014, p. 52) analisa que “não existe um consenso sobre gênero” e propõe uma importante reflexão diante do conceito de gênero como um operador conceitual. O termo gênero torna-se um operador para interrogar os termos ‘mulher’ e ‘homem’, um instrumento para a análise das sexualidades e das identidades e uma categoria de análise das relações que envolvem diferentes fatores, incluindo as dimensões de poder, entre homens e mulheres (PORCHAT, 2014).

O gênero como operador conceitual implica ir além das definições teóricas e de manuais pois gênero é uma dimensão que necessariamente atravessa cada um de nós. Este olhar pode contribuir para uma escuta psicanalítica e para uma Psicanálise que necessariamente não reproduza exclusões e práticas normativas. É preciso estar atento às dimensões de gênero e sexualidade que tanto podem, por um lado, provocar idealizações e curiosidades ou, por outro lado, um suposto horror baseado em crenças estigmatizantes, que podem estar presentes nos profissionais ao escutarem e lidarem com os adolescentes.

Resultados e discussão

A escola pode acolher ou limitar as formas de expressão em relação ao gênero e a sexualidade. Espera-se evidenciar as relações entre o contexto escolar que envolve a postura dos colegas e profissionais da escola com a percepção dos estudantes sobre o acolhimento ou não de suas singularidades.

A pesquisa está em andamento. Destaca-se que este estudo pode contribuir para avanços na produção do conhecimento na área da educação e em ampliar as reflexões para aqueles que atuam com o público adolescente, ao pensar nos aspectos de gênero e sexualidade no contexto escolar.

O desenvolvimento desta pesquisa deverá assim produzir conhecimento que permitirá à escola, ao conhecer como o aluno percebe sua intervenção, se aproprie mais profundamente dos efeitos de suas ações e/ou omissões e se organize mais consistentemente em função do que julga ser sua função pedagógica.

Espera-se assim contribuir para diálogos que contribuam com a prevenção e intervenção de práticas educativas que questionem e não ocasionem possíveis sofrimentos sociais nos adolescentes, em relação aos aspectos de gênero e sexualidade no contexto escolar.

Considerações finais

Há diferentes formas de ser menino e de ser menina, as pessoas tem diferentes desejos, identidades, vontades e comportamentos, com uma pluralidade de formas de expressão.

Situações que reproduzam as desigualdades e violências de gênero podem ser comuns no espaço escolar, sendo fundamental quebrar o silêncio, evidenciar e nomear estas questões se ocorrem, principalmente pelo ponto de vista de quem vive o cotidiano destas experiências, como os adolescentes. Nomear implica reconhecer, se perceber e perceber o outro, com uma ampliação do pensamento e por vezes, abrindo caminho para possíveis transformações.

Referências

ARCHANGELO, A. O lugar da interpretação na metodologia de pesquisa social. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 51-63, 2008. ARCHANGELO, A, Villela, F. **Fundamentos da escola significativa**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/ Judith Butler: tradução, Renato Aguiar – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FREUD, S. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1905.

FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1924.

FREUD, S. Sexualidade Feminina. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1931.

FREUD, S. Feminilidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1933.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Nasio, Juan-David, 1942. **Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais** / J.-D. Nasio; tradução André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PORCHAT, P. **Psicanálise e Transexualismo - Desconstruindo Gêneros e Patologias com Judith Butler**. Biblioteca Juruá de Práxis Psicanalítica, 2014.

STOLLER, R. **Sex and gender: the development of masculinity and femininity** [1968]. London: Karnak Books, 1984.

STOLLER, R. **Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero**, Porto Alegre, Artes Médica, 1993.

WINNICOTT, D. **O Ambiente e Os Processos de Maturação: Estudos Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional**. Trad. Por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. **Privação e delinquência**, ed Martins Fontes, São Paulo, 1ª ed brasileira: 1987.

WINNICOTT, D. W. (2001). **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1971.